



O feminino e a tradição em *Niketche*: uma história de poligamia

The female and the tradition of *Niketche*: a history of polygamy

Juliana Franco Alves-Garbim¹

Resumo: O presente trabalho objetiva traçar um panorama sobre a literatura moçambicana e a exposição da figura feminina por meio da arte literária, com enfoque para a produção narrativa de Paulina Chiziane. A obra escolhida para análise é “*Niketche: uma história de poligamia*” onde serão descritos alguns aspectos da literatura pós-colonial e da literatura de caráter feminino produzida no país.

Palavras-chave: Pós-colonialismo, feminino, Literatura, Moçambique.

Abstract: This paper aims to outline the Mozambican culture and the representation of the female figure through literary art, focusing on the narrative production of Paulina Chiziane. The work chosen for the analysis is “*Niketche: a history of polygamy*” in which will be described some aspects of the post-colonial literature and female character of literature produced in the country.

Keywords: Post-colonialism, women, literature, Mozambique.

Atualmente muito se tem discutido sobre as produções literárias e artísticas dos países africanos de língua portuguesa, o que se faz necessário na medida em que o mundo lança seu olhar para um ambiente historicamente vilipendiado e massacrado por guerras e disputas de toda sorte. O emergente interesse pelo continente africano chama a atenção para outros importantes apagamentos seculares: o psicológico e o cultural, incluindo as produções artísticas e literárias.

Por esse viés, considera-se a literatura produzida em Moçambique, um poderoso expoente em matéria orgânica cultural. Embora a população moçambicana seja, em sua maioria, pessoas que não tiveram acesso à alfabetização, e, por isso, não sejam consumidores em potencial dos livros produzidos no país, ela ganha visibilidade a partir do momento que a literatura de Moçambique passa a ser muito apreciada por países estrangeiros. Por esse espectro, o país pode ser considerado um continente em redescoberta e muito há que se decifrar sobre a cultura e a tradição desses países.

Assim como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe, Moçambique também enfrentou os percalços de uma colonização europeia, lutas pela

¹ Mestra em Letras pela Universidade Estadual de Londrina é graduada e especialista em Letras pela mesma instituição. Professora de Língua Portuguesa no Estado de São Paulo, é Doutoranda em Letras pela UNESP/ASSIS.

emancipação política e cultural de sua metrópole e vive hoje um período de pós-colonialismo, onde, apesar da descolonização política e econômica, ainda sobrepujam traços da dominação cultural.

Na comunidade moçambicana pós-colonial a luta pela reconstrução da cultura nativa se faz constante e permanente e ganha força por meio da voz de escritores e intelectuais locais que usam das artes e da literatura para fazer ressoar o canto de liberdade e o desejo de serem reconhecidos como uma nação dona de seus próprios costumes.

A ânsia de resgatar a identidade local e promover um retorno às raízes é um dos principais pontos da literatura produzida em Moçambique no período pós-independência. Terezinha Taborda Moreira e Maria Nazareth Soares Fonseca dissertam sobre os principais pontos da literatura produzida em África nos dias de hoje em relação a seu passado histórico e identitário:

Considera-se que o estudo da produção poética dos escritores africanos pode ser feito mediante uma abordagem diacrônica das literaturas a que pertencem, o qual observe: as dificuldades do sujeito poético de se encontrar com seu universo africano; o fato de que grande parte da produção literária reflete a busca da identidade cultural e a tomada progressiva de uma consciência nacional; o fato de que é sempre possível detectar, nos autores, o momento poético da luta, que se configura num discurso de resistência e de reivindicação por mudanças [...]. (MOREIRA; FONSECA, 2007, p. 16).

Para além dos conflitos causados em razão da colonização, questões de aculturação e hibridação dos costumes, como também uma busca pela identidade local, passam a ser questionadas por escritores do calibre de Paulina Chiziane, Noêmia de Souza, Mia Couto, dentre outros intelectuais de Moçambique.

No momento do pós-guerra em que escrever implica em ressignificar uma cultura, um passado histórico e uma mitologia encoberta, Russell Hamilton pondera que tais atitudes indicam uma “estratégica estético-ideológica que tem em vista protestar contra as distorções, mistificações e exotismos executados pelos inventores colonialistas da África.” (HAMILTON, 1999, p. 18).

Sobre o relacionamento entre colonizador e colonizado nota-se uma espécie de atração e repulsa, de identificação e negação entre as partes, além de uma constante flutuação entre as linhas da tradição e da modernidade, como postula Hommi Bhabha, (2001, p. 21). Para o crítico, os países situados na periferia do poder tem o direito de se expressar partindo de sua tradição e da autoridade conferida a eles por meio do hibridismo cultural do qual fazem parte, transformando momentos de entrave cultural em tempos de transformação histórica.

Dessa maneira, as linhas traçadas por Paulina Chiziane nos romances em que ressalta a poligamia justificam-se, em parte, como sendo um desejo pela busca dos rizomas de seu povo. O renascimento ou reencontro cultural do qual a literatura faz parte, é um desejo de volta às origens, em busca de uma identidade matricial daquilo que foi suplantado pelo sistema dominante.

Voltando os olhos para a produção de Paulina Chinziane, é preciso considerar que, nascida em Manjacaze, província de Gaza, em meados da década de 1950, foi uma das primeiras mulheres a virar escritora em Moçambique numa terra onde sempre prevaleceu a voz masculina. Paulina é apontada hoje como uma expoente em matéria de romance moçambicano. Assim como em outros países africanos, a literatura moçambicana foi uma maneira encontrada pelas mulheres para ampliarem a participação na vida pública do país.

Os textos produzidos pela escritora são consumidos como uma literatura pós-colonialista, mas que apresenta reminiscências do imperialismo europeu. Sua literatura é uma espécie de retrato da atual sociedade de Moçambique, principalmente no que tange ao papel e à condição feminina na sociedade.

O romance “Niketché: uma história de poligamia” é um relato do cotidiano feminino em Moçambique. No enredo, Rami, personagem principal, criada com bases no catolicismo europeu e monogâmico descobre que o marido, Tony, é adepto da poligamia, tendo várias mulheres espalhadas ao redor do país, que simbolizam as diferentes manifestações culturais de Moçambique. Indignada e se sentindo ultrajada, Rami decide conhecer essas mulheres e ficar frente a frente com as qualidades das outras que fizeram com que o marido não se dedicasse exclusivamente a ela. A autora empresta sua voz para denunciar as contradições de uma sociedade que prega a monogamia dos valores ocidentais, mas não se apressa em suplantá-la a poligamia da cultura tradicional.

Narrado em primeira pessoa por Rami, “Niketché” expõe a questão feminina, tenta promover uma espécie de descolonização da mulher moçambicana e uma libertação dos padrões sexistas deixados pelo dominador. Embora a figura feminina ocupe um papel de

destaque, pois são vistas como símbolo de fertilidade pelos africanos, em contrapartida há uma terrível divisão social no que tange à tradição. Esta cultura alça a mulher a uma posição inferior ao homem na vivência cotidiana.

Em Moçambique há uma divisão entre a tradição do sul, onde o patriarcalismo impera e a mulher é encarada como um ser submisso ao homem, sem voz ou poder de decisão, enquanto que no norte elas são vistas como um indivíduo que deve ser respeitado e adorado por conta de sua beleza e sensualidade. A cultura do norte permite que a mulher explore suas vaidades e desejos, enquanto que a do sul cerceia e reprime toda e qualquer manifestação feminina:

No sul a sociedade é habitada por mulheres nostálgicas. Dementes. Fantasmas. No sul as mulheres são exiladas no seu próprio mundo, condenadas a morrer sem saber o que é amor e vida. No sul as mulheres são tristes, são mais escravas. Caminham de cabeça baixa. Inseguras. Não conhecem a alegria de viver. [...] No norte ninguém escraviza ninguém, porque tanto homens quanto mulheres são filhos do mesmo Deus. (CHIZIANE, 2004, p. 176).

No que diz respeito à sociedade repressora de Moçambique, a autora escreve de maneira a subverter os padrões de dominação cultural e literária, mas parece, ao mesmo tempo, viver uma tensão no campo das manifestações culturais, onde ora gravita pelos padrões locais, ora remete ao passado onde a cultura moçambicana fora suplantada pela cristã-europeia:

Todo o problema parte da fraqueza dos nossos antepassados. Deixaram os invasores implantar os seus modelos de pureza e santidades. Onde não havia poligamia, introduziram-na. Onde havia, baniram-na. [...] No passado os homens deixaram-se vencer pelos invasores que impuseram culturas, religiões e sistemas a seu bel-prazer. Agora querem obrigar as mulheres a rectificar a fraqueza dos homens. No regime cristão, as mulheres são educadas para respeitar um só rei, um deus, um amor, uma família, por que é que vão exigir que aceitemos o que nem eles conseguem negar? Negar não é gritar: é olhar a lei, mudar a lei, desafiar a religião e introduzir mudanças, dizer não à filosofia dos outros, repor a ordem e reeducar

a sociedade para o regresso ao tempo que passou. (CHIZIANE, 2004, p. 93).

O fio narrativo tece uma dialética cultural que ultrapassa as fronteiras do chamado pós-colonialismo e chama à cena um diálogo entre o modo colonialista de exploração e as relações feministas de estruturação e convivência social. O espectro da matrilinearidade africana é configurado simbolicamente pelos conselhos e ensinamentos passados de geração a geração pelas mulheres da linhagem de Rami, representados por sua mãe, a tia conselheira e até mesmo pelas outras mulheres de Tony.

As relações entre o colonialismo e o feminismo são citadas por Bonicci da seguinte maneira:

Há estreita relação entre os estudos pós-coloniais e o feminismo. Em primeiro lugar, há uma analogia entre patriarcalismo/feminismo e metrópole/ colônia e colonizador/ colonizado. “Uma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia” (Du Plessis, 1985). Em segundo lugar, se o homem foi colonizado, a mulher, nas sociedades pós-coloniais, foi duplamente colonizada. (...) Portanto, o objetivo dos discursos pós-coloniais e do feminismo é a integração da mulher marginalizada à sociedade. (BONNICI, 2000, p. 16).

Mais do que citar as imbricações entre colonialismo e feminismo há que se considerar o caráter literário do romance de Chiziane. A narrativa conta com algumas digressões sobre fatos passados e recursos como o fluxo de consciência de Rami, revelando uma poética da voz feminina pouco praticada no país. A autora expõe um universo matrilinear, sobrevivente de muitas dores e amarguras e que necessita de um olhar mais atento da sociedade sobre seus desejos e necessidades.

Chiziane fala de amores e desamores, de apego e rejeição. Sua protagonista é uma mulher perdida, desconstruída, infeliz e com sede de se descobrir, de ser amada e reconhecida, ao mesmo tempo em que é submissa ao sistema que lhe é imposto. Rami estabelece um diálogo consigo mesma, na perspectiva de outro eu. Ela parece querer encontrar outra pessoa perdida nela mesma, alguém que um dia já foi feliz. No diálogo com sua imagem diante do espelho, entra em uma espécie de transe hipnótico, embora consciente, com seu alter-ego, promovendo um mergulho em seus pensamentos, na busca por se encontrar, se conhecer e se tornar sujeito de sua própria vida.

Esta imagem não sou eu, mas aquilo que fui e queria voltar a ser. Esta imagem sou eu, sim, numa outra dimensão. [...] Ah, meu espelho confidente. Ah, meu espelho estranho. Espelho revelador. Vivemos juntos desde que me casei. Por que só hoje me revelas o teu poder? (CHIZIANE, 2004, p. 17).

A autora consegue trazer à cena uma história contemporânea e apresenta ao leitor uma mulher que é a personificação de um país essencialmente matriarcal, ou seja, delineado pelas mãos das mulheres na criação dos filhos e na manutenção dos lares, embora o patriarcado seja o regime legalmente reconhecido. A figura feminina acaba se vinculando ao ideário de nação como uma representação da tradição moçambicana e chama para a discussão o papel que essa mulher ocupa no país.

O fato de Chiziane abordar temáticas voltadas para o universo feminino tem lhe rendido a alcunha de escritora feminista, pois coloca esse sujeito no centro das atenções e revela seus sentimentos mais secretos, dando voz a personagens fortes e que prenunciam um futuro onde a mulher poderá ter mais espaço social e, de fato, ser reconhecida como sujeito agente de um país em construção e em busca de sua própria identidade.

É de consenso de muitos estudiosos que, quando se trata de uma nação colonizada por impérios europeus há muitas implicações no quesito cultural e identitário, pois fala-se, nestes casos, de sujeitos híbridos, física e culturalmente e que tem em seus traços e atitudes um pouco dos costumes e práticas do colonizador e do colonizado, tal como afirma Bhabha:

Tais culturas de *contra-modernidade* pós-colonial podem ser contingentes à modernidade, descontínuas ou em desacordo com ela, resistentes as suas opressivas tecnologias assimilacionistas; porém elas também põem em campo o hibridismo cultural de suas condições fronteiriças para “traduzir” e, portanto, reinscrever, o imaginário social tanto da metrópole como da modernidade. (BHABHA, 2001, p. 26).

O eu enunciador de *Niketché* propõe através de sua subjetividade e submissão cultural, uma pretensa objetividade no reconhecimento de sua negritude e de sua condição de mulher enquanto agente social e representante de uma cultura híbrida.

As mulheres criadas por Chiziane representam a nação, tornando-se ícones da resistência contra o colonizador e suas opressões. São mulheres cuja força para lutar pelo seu espaço na sociedade e por seu reconhecimento, pulsam cada vez mais forte, diferentemente das mulheres reais, ainda vítimas do medo e da repressão. Ana Lúcia da Silva Afonso corrobora esta noção e disserta que:

As personagens femininas de Chiziane são emblemáticas, contrastando com uma grande parcela das mulheres moçambicanas que levam uma vida apagada, e embora elas não rompam com suas tradições bem arraigadas, esboçam com muita força um quadro que aponta para um futuro de visibilidade. (AFONSO, 2005, p. 03).

A coragem de Rami está retratada em sua luta para resgatar o amor do marido Tony, que está às voltas com a prática da poligamia. Ele é a representação da sociedade sexista e poligâmica. Ela, por sua vez, representa todas as mulheres moçambicanas que padecem do mal do esquecimento e do desprezo. O sofrimento da protagonista revela o apagamento da figura feminina no círculo social, fruto da tradição híbrida que se instalou no país.

Chiziane cede voz à mulheres, que como Rami, carregam o fardo de serem culpadas por muitas das mazelas que assolam o país. A protagonista ilustra ao leitor sobre a sua representação feminina: “culpam as mulheres de todos os infortúnios da natureza. Quando não chove, a culpa é delas. Quando há cheias, a culpa é delas.” (CHIZIANE, 2004, p. 36).

A culpa, o sentimento de impotência vivido pela mulher moçambicana reaparecem quando Rami lamenta sua condição: “Olho para todas elas. Mulheres cansadas, usadas. Mulheres belas, mulheres feias. Mulheres novas, mulheres velhas. Mulheres vencidas na batalha do amor.” (CHIZIANE, 2004, p. 12). Apesar disso, a autora sopra pelos lábios da protagonista a redenção feminina por meio de sua dor e renúncia: “Mulher é a dor colectiva que cobre o mundo inteiro.” (CHIZIANE, p. 218).

A cosmovisão de Chiziane sobre a sociedade moçambicana promove um verdadeiro retrato do que é a sociedade atual do país. É uma mulher que desafia o tempo e a história e se lança num universo de preconceitos e dilemas sexistas. Em *Niketché* assume uma

posição contrária à poligamia. Vive no entre-lugar de colonizada. Confusa com a aceitação dos casos extraconjugais do marido e a criação católica e monogâmica que recebeu desde criança, sua escrita flutua e mostra os dois lados da tradição.

No que diz respeito à imagem que a mulher moçambicana tem de si pode-se dizer que é uma visão fragmentada do “ser mulher”. A figura feminina abriga em seu ideário possibilidades e desejos de uma vida onde tenham o direito de aceitar e de recusar, de amar e de odiar, direito de usar o próprio corpo para os prazeres da carne, embora na prática essas vontades não lhe sejam totalmente conferidas.

A supervalorização do homem aparece de maneira clara e evidencia uma condição social onde prevalece o machismo, uma das castrações mais cruéis sobre os direitos e os sentimentos femininos. A ausência do ícone masculino dentro dos lares moçambicanos é um dos grandes problemas enfrentados por muitas mães de família, que veem seus filhos crescerem sem a presença de uma figura masculina e que mantêm seus lares às custas de suas dores. “Na presença de um marido, um lar é mais lar, tem conforto e prestígio.” (CHIZIANE, 2004, p. 11).

A autora utiliza metáforas e palavras próprias do vocabulário local para criar situações onde as mulheres são postas em evidência. Fala sobre a condição feminina e explora temas como os direitos sobre o próprio corpo. Retrata um ambiente de subserviência e de submissão feminina, mas que começa a mudar a partir do momento em que costumes e regras impostas pelo colonizador são postas em xeque. Sobre a poligamia e os traços deixados pelo colonizador, Paulina escreve que:

Poligamia é o destino de tantas mulheres neste mundo desde os tempos sem memória. Conheço um povo sem poligamia: o povo macua. [...] Porque poligamia é poder, porque é bom ser patriarca e dominar. Conheço um povo com tradição poligâmica: o meu, do sul do meu país. Inspirado no papa, nos padres e nos santos, disse não à poligamia. Cristianizou-se. Jurou deixar os costumes bárbaros de casar com muitas mulheres para tornar-se monógamo ou celibatário. (CHIZIANE, 2004,p. 92).

Com base em todas essas prerrogativas é válido salientar a influência e a força que a voz e a literatura dessa mulher tem na estruturação social de Moçambique, anunciando novos ventos de uma sociedade em mudanças, com um porvir literário que poderá servir de base para as transformações culturais da nação moçambicana.

Em síntese, “Niktche: uma história de poligamia” é espelho da mulher universal, do papel desempenhado em muitas sociedades cuja sustentação se constrói no patriarcado e nos sistemas de dominação masculinos em detrimento dos anseios femininos. Retrata a figura da mulher em uma constante busca ancestral, de seus antepassados, de sua história.

Bibliografia

- AFONSO, Ana Lídia da Silva. Buscando outro significado para Eva: a representação do feminino na escrita de Paulina Chiziane. **Anais II Congresso de Letras da UERJ**, 2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/ii/completos/comunicacoes/analidiadasilvaafonso.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2011.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- BONNICI, Thomas. **O pós-colonialismo e a literatura**: estratégias de leitura. Maringá: EDUEM, 2000.
- CHIZIANE, Paulina. **Niktche**: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MOREIRA, Terezinha Taborda; FONSECA, Maria Nazareth Soares. Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa. In: **Caderno CESPUC de Pesquisa**. Série Ensaio, v. 16, p. 13-69, 2007.
- HAMILTON, Russell G.. A literatura dos palop e a teoria pós-colonial. **Via Atlântica**, Brasil, n. 3, p. 12-23, dez. 1999. ISSN 2317-8086. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/48809/52884>. Acesso em: 12 fev. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/va.v0i3.48809>.